

Alfredo J. de Castro
CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

FUNDADA

Collegio de S. Damaso
COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

Guimarães
GUIMARÃES

Porto
SUMMARIO

Estudos sobre o orientalismo.....	<i>Dr. Abade Learden</i>
E' o pae (poesia).....	<i>Mattos Ferreira</i>
Alto lá com o artigo!.....	<i>José d'Azevedo e Menezes</i>
Pensando.....	<i>Henrique Gomes</i>
Influencia do Catholicismo nas produções da Intelligencia. <i>José Victorino Pinto de Carvalho</i>	
A Crença.....	<i>J. d'Oliveira</i>
Sub Tegmine... (poesia).....	<i>A. Moreira Bello</i>
Cartas d'um'impio.....	<i>Rodrigo Moreno</i>
Notas.....	<i>D. Antonio d'Almeida</i>
Gazetilha (nas capas, 2.ª 3.ª e 4.ª pag.).....	<i>Um collegial</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 18000 reis.—N.º avulso 200 reis.

Admittem-se annuncios a preços convencionaes.
As obras literarias annunciam-se mediante dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

EDITOR RESPONSÁVEL—PADRE ANTONIO HERMANO

GAZETILHA

O PASSEIO A FAFE

Foi tão agradável e tão cheio d'impressões gratíssimas que não posso deixar de lhe consagrar quasi toda a *Gazetilha*. E' justo.

Foi no dia 18 de maio, dia limpido como um cristal e cheio de sol que abrazava.

A's 4 e meia da manhã, depois de uma pequena refeição, sahimos do Collegio em numero de 106, todos com os nossos uniformes, arvorado o formoso estandarte escolar e acompanhados por todo o corpo docente. Era magnifico!

Chegados a Guimarães, ao romper da alvorada, desfilamos a dois de fundo com uma philarmonica á frente executando o hymno do Collegio. A' sahida da cidade juncto á velha muralha, esperavam-nos doze trens festivamente embandeirados. Embarcamos.

«Boa viagem, boa viagem!» diziam muitas familias que acudiram ao bóta-fóra. E foi: boa e feliz como se a vista carinhosa de Deus a tutelasse.

* * *

A caminho de Felgueiras.—Estrada além, até Felgueiras, quasi nada que valha a pena registrar-se. A vegetação brota luxuriante nas estreitas veigas acoradas ao sopé de montes escabrosos. Se aquelle panorama não tem belleza tem contudo o seu quê de pitoresco. Agrada pela variedade.

Alcandorado n'uma encosta marginal á estrada vimos o pequeno convento da Cruz que pertenceu aos Padres da Missão. É um edificio singello e meio arruinado.

Mars além, no fundo d'um largo vale fértil por onde o rio Vizella meandrea caprichoso, vé-se o sumptuoso convento de Pombeiro. Os seus muros pardacentos lembram um velho decrepito. A fachada principal que tem resistido ás injúrias do tempo e dos homens dá uma idéa da grandezza d'aquella casa. A Igreja com pretensões a templo ogival, é amplissima, de tres naves e tudo n'ella respira riqueza.

Dõe ver aquellas quasi-ruínas.

* * *

Em Felgueiras.—Entramos na pequena mas bonita villa. A brisa fazendo palpar as bandeiras da longa fila de trens, a banda marcial tocando o hymno, a extensa linha d'alumnos uniformizados e em boa ordem, o estandarte-escolar luzindo ao sol, os numerosos grupos de familias de collegiaes d'aquelles sitios, tudo concorria para dar á entrada do Collegio um certo ar de triumpho...

Percorremos o largo principal da villa e fomos á igreja matriz, templo amplo, novo e elegante, onde fizemos uma breve oração. Depois subimos a ingrême encosta do monte de Santa Quiteria, e sob que sol! mas era forçoso ir, porque passar a Felgueiras e não ir a Santa Quiteria seria crime de lesa-bom-gosto.

CRENÇA & LETRAS

ESTUDOS SOBRE O ORIENTALISMO

Critica da originalidade do mysterio da Trindade

PREFACIO

Desde sempre foi o Christianismo impugnado com argumentos, deduzidos de todos os ramos dos conhecimentos humanos. Se rastreamos as paginas tristissimas, em que se encontra a historia dos heresiarchas mais importantes, que a Igreja tem encontrado e debellado no seu progredir sempre avantajado e civilizador, notaremos uma circumstancia, que não deve passar despercebida.

Na sciencia concretamente considerada podemos distinguir tres periodos bem distinctos, que representam a sua evolução e desenvolvimento omnimodo: (1) periodo genesiaco, em que os elementos dispersos se acham completamente separados e alheios a um pensamento central, que os domine e informe; periodo de constituição, caracterizado mui especialmente pelo estudo attento e profundo d'esses elementos, que mais tarde constituirão o corpo de conhecimentos e por ultimo o periodo novissimo no qual, reunidos todos os materiaes devidamente depurados ao erisol da analyse philoso-

(1) Não temos receio algum, em que pese aosmeticulosos defensores da verdade christã e avancados adversarios do transformismo, de admitir uma evolução *sui generis* nas diversas sciencias e mesmo uma transformação muitissimo lenta dos conhecimentos humanos em ordem á verdade na sua accepção mais ampla, fim ultimo de todas as sciencias.

phica, começa a sciencia a patentear-se como tal, demonstrando as verdades, que determinam a sua existencia. (1)

A guerra movida ao christianismo pela *soi disant* sciencia coincide com o primeiro e segundo periodo. Quando porrem se manifesta a tereceira phase tudo o que parecia contradicção, é harmonia, verificando-se assim o pensamento de Bacon: *leves haustus in philosophia...*

Mas não é só dos dois primeiros periodos por que passa uma sciencia na sua transformação, que brota uma pleiade de argumentos contra o christianismo, intimidando a principio os espiritos pouco cultos. Tambem originam muitas difficuldades as sciencias falsas e as hypotheticas. Ha sciencias falsas, que, baseando-se em factos mal observados ou mal interpretados, apresentam theorias que a razão repelle, que, apoiando-se em principios erroneos, deduzem consequencias oppostas aos dados da experiencia e do bom senso. Essas, seguindo á risca a phrase inscripta no *labaro* Voltairiano: «*menti, menti ficará sempre alguma cousa*», enristam as suas armas com o monumento de dezenove seculos, e apregoam aos ventos da publicidade o anachronismo christão.

Ha alem d'estas as denominadas hypotheticas, que, partindo de factos insufficientemente conhecidos, os explicam por theorias mais ou menos verosimeis, mas que se acham a uma incrivel distancia da certeza. A esta classe de sciencias pertencem as que, baseadas em factos evidentemente certos, sobre elles constroem hypotheses engenhosas e racionaes, cuja verdade ou falsidade se não pode estabelecer.

São hypotheticas a chimica, onde ha modernamente duas theorias oppostas: unidade de corpos elementares, pluralidade de elementos simples; a physica, perplexa entre o pensamento de Sechi e as theorias anteriores a este homem de sciencia; a physiologia geral cujo campo está mui longe de

(1) «Cum scire nihil aliud esse videatur, quam intelligere veritatem alicujus conclusionis per demonstrationem» D. Thom. Lect. IV. comm. c. IV. «Scientia... est... cognitio per demonstrationem deducta» C. Zigliara: Inst. Phil. Log.

ser conhecido; a astronomia, que ultimamente se entregou mais a devaneios fillos da imaginação, do que a affirmativas razoaveis; a anthropologia actual em quasi toda a sua extensão baseada em factos mal observados e ainda mais mal interpretados; (1) por ultimo o magnetismo, sobre cujos excessos a obra de Cullerre, membro da Academia-Medico-Psychologica de Paris, veio derramar jactos luminosos de extraordinario brilho, mostrando os muitos abusos e as multiplices affirmações gratuitas que n'elle existem.

A esta classe de sciencias pertencem ainda a *Sciencia das Religiões, Assyrologia, Egyptologia, Indialogia, e Erano-logia*, a que nos referiremos muito especialmente n'este trabalho.

A) *Sciencia das religiões, ou Historia philosophica das Religiões.*

Quem pela primeira vez se serviu d'esta denominação foi Émile Burnouf, como elle mesmo declara (2). Nós porem, tentando comprehender qual o pensamento, que assistia ao eminente cranista, successor de Chezy, professor de Sanskrito no collegio de França, quando empregava tal expressão, encontramos um periodo na já citada obra, que nos inhi-be de a adoptarmos na mesma acceção, pois que ella se refere a um facto adrede inventado por motivos conhecidos de todos os theologos christãos, e desmentido pela historia comparada dos povos antigos. A leitura dos textos orientaes, diz Burnouf (Émile), e a historia que começa a esclarecer-se, da propagação das ideas aryanas, provam que nem a philosophia antiga, nem os conhecimentos hellenicos, nem as crencas modernas, podem ser sufficientemente comprehendidas, se não remontarmos ao antigo oriente. Ora a India é o logar religioso por excellencia: não podemos separar ali a litteratura dos ritos sagrados, nem a philosophia dos dogmas religiosos. Somos pois obrigados a estudar os cultos e dogmas

(1) *Alex. Arduin*. La religion en face de la science. 1.^o part.

(2) «... science... que par la première fois, nous avons nommée *Science des Religions*.» La Science des Religions, pag. 4. Burnouf.

indianos e quando se remonta á sua origem, vê-se na Índia a fonte principal de tudo o que em materia religiosa se acreditou no occidente. Foram os estudos indianos que produziram ultimamente a sciencia das religiões. (1)

Esta argumentação de Burnouf faz-nos lembrar, á parte a incontestavel differença de merito scientifico, a que em identicas circumstancias, apresenta Jacolliot na sua desastrosa producção. (2)

Muito rapidamente vamos demonstrar, refutando os argumentos que se costumam adduzir, que a Índia não foi nem podia ser o berço da humanidade, para levantarmos a luva arremessada por Burnouf, pois que este assumpto será parcialmente tratado no correr d'este trabalho.

Todos os argumentos, que se costumam adduzir, podem reduzir-se a cinco, que vamos analysar muito *à vol d'oiscieu*. (3)

1) Reconhece-se que a Europa moderna deve a sua litteratura... á antiguidade greco-romana. Sendo assim é natural suppor que esta antiguidade deveu tudo á precedente, isto é, á Índia. (4)

Em primeiro logar, para que este argumento fosse precedente, era indispensavel demonstrar a existencia real do facto historico em que elle se funda. Como muito bem diz Harlez: as colonias indianas vindo trazer a cultura intellectual aos povos do occidente, pertencem ao dominio dos contos das mil e uma noites.

Mas, na hypothese não verificada da existencia d'esta procedencia precisamente indiana relativa á civilisação occidental, estamos logicamente obrigados a fazer uma applicação razoavel do principio orientalista apresentado por Jacolliot e Burnouf: d'onde veio a civilisação indiana? qual o berço da litteratura e das crenças indianas? Eis-nos caidos na eterna

(1) Auct. e Obr. cit. pag. 6.

(2) La Bible dans l'Inde pag. 48 e ss.—M. Jacolliot.

(3) Controverse—3.^e an. n.^o 29, par. 43 art. de Harlez:

(4) Jacolliot.

questão, como diz o já citado articulista da Controversia, do ovo e da gallinha.

Querendo ainda confirmar a sua infundada asserção diz Jacolliot, que esta doutrina torna mui simples a resolução do problema relativo á maternidade da sciencia, da arte e da cultura intellectual. (1)

Se a resolução do problema da origem das civilisações, tivesse de obedecer a um methodo exclusivamente simples e de nenhum modo historico, a pretensão dos orientalistas seria mui justa, mas acima de tudo devemos investigar um processo verdadeiro, isto é, que se funde em factos de existencia real. É o que se não dá no pensamento de Burnouf.

2) A India é a mãe da humanidade toda, porque os seus livros são os mais antigos. Já se cantavam os Vedas milhares de annos antes do Egypto possuir uma só cidade; as leis de Manu quasi tem a mesma antiguidade. (2)

Tudo o que dizem Jacolliot, Burnouf, o Professor Me-rayta, (3) e tantos outros, é desmentido pelas ultimas descobertas modernas.

Como sabemos pelas noções mais rudimentares da constituição litteraria da India, os seus mais antigos livros referem-se ao periodo vedico, que comprehende o Rig-Veda, Iadjur-Veda, Sama-Veda e Athervana-Veda. (4)

O Rig-Veda, (orações e hymnos em verso) que é considerado o mais antigo dos livros vedicos, foi redigido n'um periodo encerrado entre o seculo XIV e o V antes de Christo. (5)

O Iadjur-Veda (orações em prosa), que está longe de ser o mais recente, julga-se datar do seculo III.

(1) Il n'est rien de plus simples que d'attribuer à l'Inde la maternité de tout science, de tout art, de tout culture; par là, l'histoire se simplifie et l'on peut ainsi, remontant à l'origine, suivre... tous les peuples... Auct. e Obr. cit.

(2) Idem, Idem.

(3) No discurso pronunciado em 1885 na Central de Madrid. Vid. Mendive: La Religion Católica vindicada de las imposturas racionalistas.

(4) Dict. de L. Greg.; art. *Vedas*.

(5) Weber, Akademesische Vorlesungen. Pag. 17-43, cit. por Harlez.

As leis de Manu são provavelmente posteriores ao seculo II, pois que no livro primeiro falla-se dos Pallavas, cujo nome só pode ser posterior ao seculo II.

Demais, é hoje doutrina demonstrada pelos cranistas, que os povos da Baktriana e da India, os persas e os indianos, viveram por muito tempo unidos, durante o periodo das tradições heroico-mytho-cranico-indianas, até que chegou um mensageiro—*dutu*—de Ahuramazda, e levantou a bandeira do schisma iniciado pelos Soskyantos (*Ayuso*—pag. 12), separando as duas nações irmãs em duas potencias com principios contrarios. Os Vedas e o Avesta foram escriptos depois d'esta separação; ora tendo o Avesta cerca de oito centos annos de existencia quando appareceu o Christianismo, a idade dos Vedas não deve distanciar muito mais, de modo a auctorisar a asserção de Burnouf. (1)

Essa unidade de origem Erano-Indiana, a que nos referimos para basear este argumento, tem sido contestada por muitos cranistas; todavia, para que a nossa proposição não passe por gratuita, vamos apresentar factos historicos que se encontram personificados tanto no *Zend-Avesta* como nos Vedas.

a) O heroe mais celebrado do Avesta e dos Vedas é *Yima* ou *Yama*, um dos homens mais conhecidos no Eran até ao tempo de Firdusi.

Na opinião de *Ayuso*, *Yima* representa a nação arjana organisando-se e estreitando os laços que mais tarde viriam a desaparecer, para dar origem ás duas potencias, sob o commando do *dutu* de Ahuramazda.

Yima (2) foi filho de *Viranhasi* ou de *Virangharat*, (o *Virasrat* ou *Virasrin* dos Vedas). Firdusi considera-o filho de *Tahmuref* (3), heroe e dominador dos *Keshvares* da terra,

(1) Estudios sobre el oriente—Los Pueblos Iranios— pag. XII, 128, 131, 147.

(2) *Yama* 9.4: cit. por *Ayuso*.

(3) *Tahmō - arupis* do *Zend-Avesta*. O *Tahmurj* apparece muitas vezes na tradição popular como se vê de Spiegel.

vencedor dos *devas* encantadores, *pairikas*, e *Auromainyo*. O erro de Firdusi parece originar-se n'uma confusão filha da união que nas citações existia entre *Yima* e *Tahmuraf*.

Na litteratura moderna é conhecido pelo nome de *Che-mshid* (resplandecente *Yima*: de *shid* –resplendor), attribuindo-se-lhe qualidades mui diferentes das que primitivamente lhe pertenciam.

Nos livros do Avesta apparece *Yima* como um ser benéfico e piedoso; reúne em volta de si os animaes creados por *Ahuramazda* para com elles povoar a terra.

Com a chegada do inverno começaram a soffrer penuria, incommodos provenientes da estação. *Yima*, d'entre as creaturas de *Ahuramazda*, escolheu as melhores e levou-as a habitar uma região onde se gosava de toda a felicidade.

Nos Vedas e especialmente no Rig-Veda lê-se que *Yama-rachu* (rei) viveu com os seus subditos n'um logar de delicias. O proprio *Yama*, com sua irmã *Yami*, é o pae do genero humano e soffreu a principio como todos os mortaes para subir ao ceu e d'ahi governar o mundo. Assim foi *Yama* o primeiro que ensinou o caminho da terra para o ceu.

Certa occasião *Yama* pede á grande *Amihita* que lhe conceda o dominio sobre os homens, reinos e demonios, ao *Drvaçpa* que lhe dê rebanhos e poder para immortalisar as creaturas de *Ahuramazda*.

b) Além de que ha ainda uma grande analogia entre o dragão do Avesta *Dakâka* e o rei monstruoso da tradição *Zohah*, analogia que nos lembra a unidade de origem. *Auromainyo* creou o dragão para destruir o mundo visivel, o rei *Zohah*, alimentando as serpentes com homens, propõe-se terminar o mundo por instigação de *Iblis*, principio do mal. O *Guershaçp*, da tradição do *Zohah*, parece ser o *Kereçâçpa* do Avesta. É filho de *Thrita* e pae de *Neriman*.

c) Aonde se manifesta a unidade de genese das crenças crano-indianas é na lenda sobre o *Kava-Uça* (*Kai-Kais* moderno), ou *Kava-Uç*, cujo parallelo se encontra no *Kària Uçamas* dos indios, bem como no *Ciro* (*Kuru*, sanskrito) relativamente ao *Kai-Kosru* de Firdusi.

Os factos a que alludimos muito de passagem auctorisam-nos a avançar o argumento que apresentamos e que scientificamente fallando é decisivo.

3)=O que prova que a India é a mãe da humanidade é que todos os nomes são derivados mediata ou immediatamente do sanscrito. (1)

O desmentido de tal argumento encontra-se em Harlez na «*Bible dans l'Inde*» e em alguns artigos da *Controverse*. Como especimen da argumentação de Jacolliot, cujo valor scientifico nós especificaremos no fim d'este prefacio, apresentamos os seguintes exemplares :

Artha, diz Jacolliot, em sanscrito significa *grande*: d'ahi vem *Artaxerxes* (grande rei).

Responde-lhe Harlez: o nome de Artaxerxes é *Arta Akshayarsha*, puramente persa e significa *rei justo*.

Como esta podiamos citar dezenas de derivações, em que Jacolliot apresenta as credenciaes de ignorante, pouco serio e forjador de documentos falsos.

4)=As leis de Manu ainda hoje vigoram e formam o fundo de todas as legislações. Logo, tudo o que em materia juridica existe é uma reprodução da doutrina indiana. (2)

O exemplo apresentado por Jacolliot relativo aos esponsaes é refutado por Harlez do modo seguinte: em Roma a lei correlativa seria esta: «*in potestate manente filius pater nuntium remittere potest*»: (*nuntium remittere* significa *repudiar* e não *enviar mensageiro*, como erradamente traduz o auctor da *Bible dans l'Inde*).

A legislação indiana manda que a nubente permaneça em casa de sua familia até ao momento do casamento. N'essa occasião o pae envia um mensageiro ao esposo para lhe fazer sentir que já começaram os seus direitos sobre sua mulher e que a póde reclamar.

Aonde se encontra pelo menos alguma simillhança n'estas duas leis tão contradictorias?

(1) Jacolliot. Obr. cit.

(2) Auct. e obr. cit.

De tudo o que temos dicto podemos inferir a seguinte conclusão: se Jacolliot e Burnouf por Sciencia das Religiões entendem o estudo da evolução religioso-indiana atravez de todos os tempos e nos diversos cantões occidentaes, tal denominação deve ser regeitada, porque o facto historico em que ella se funda não existiu.

Com isto não queremos de modo algum deixar de admittir uma Sciencia das Religiões, que tenha por objecto o estudo comparativo das differentes seitas com feição religiosa, organisadas pelos patriarchas das civilisações, uma sciencia que se encarregue de fazer notar, d'um modo preciso e terminante, as similhanças das religiões, de as explicar á face d'um criterio sincero e desapaixonado. Essa sciencia apresenta-se-nos como a ultima e a mais fundamental confirmação da verdade religiosa.

O estudo da sciencia das religiões não constitue simplesmente um objecto de curiosidade. Não desconhecemos que o estudo da variedade de crencas dos diversos povos, dos seus ritos mui extravagantes por vezes, desperta um interesse que existe em todos os que se dedicam ás letras.

A mesma litteratura, intimamente unida á religião indiana, convida os cultores do bello a escutar as mysticas predicas dos sacerdotes orientaes.

Mas por este lado o estudo das religiões seria de uma importancia secundaria. (1)

Todas as religiões teem procurado resolver o eterno problema do destino humano, todas collocam os seus proelytos «na presença contínua d'um mundo invisivel e real e lhes fazem crer que é nesse mundo invisivel mas real que existem os seres superiores de que depende a felicidade ou infelicidade terrestre». Qual d'ellas é a verdadeira? Eis o lado importante d'esta momentosa questão proposta e apresentada pela primeira vez ao seculo XIX.

Pondo de parte o pensamento pouco accetavel de Bur-

(1) Problèmes et conclusions de l'Hist. des Relig par Broglie.

nouf, (1) professamos a opinião do illustre professor de apologetica no instituto catholico de Paris: «Il existe entre la verité des diverses religions et la destinée de l'homme, un lien extrêmement étroit.»

D'aqui a grande importancia d'este estudo cuja esphera nós deveriamos conhecer perfeitamente para com vantagem ultimarmos este trabalho.

B) *Assyrologia,*

Se os trabalhos do deciframento das escripturas cuneiformes começaram muito antes das tentativas de Champoleão, todavia só depois da morte d'este grande orientalista é que a assyrologia começou a assentar algumas regras grammaticaes, que ainda hoje são muito incompletas. Tanto isto é indiscutivel que em 1847, quando já possuíamos os trabalhos importantissimos de Champoleão, poisque elle morreu a 4 de Março de 1832, ainda se discutia se as duas personalidades, Cyro e Nabuehodonosor, seriam um e o mesmo individuo ou não. É que, se nãocombe á Assyria possuir um interprete tão arrojado e tão perspicaz como Champoleão, tambem a nudez d'esses caracteres cuneiformes, completamente privados de vida e significação apparente, nada denunciava, ao contrario do que succedia com os hieroglyphos.

Vejamos como se adivinhou a clave assyrologica.

Os sabios e mesmo os curiosos orientalistas do seculo XVI attentavam com muito empenho nas ruinas magestosas onde se dizia ter florescido Persepolis.

Pietro della Valle, em 1621, publicou alguns signaes das inscripções que abi se tinham encontrado e pela primeira vez emittiu a opinião de que as linguas cuneiformes se deviam lêr da esquerda para a direita.

Chardin, no anno de 1674, publicou uma obra importantissima «*Journal du voyage du chevalier Chardin en Perse et aux Indes Orientales*», onde descreve a viagem que elle iniciou em 1671 por Smyrna, Constantinopla, Caff, Circas-

(1) «La science des religions n'a pas rien de commune avec la polemique religieuse» La Science des Relig. par Em. Burnouf.

sia, Georgia, etc. sob o habito de theatino. Ahí se refere a uma inscripção completa por elle encontrada. Soube-se n'essa occasião que Persepolis tinha sido edificada pelos Achmenides e em todos os espiritos despertou a esperanza de mediante esses documentos eternos, se reconstituir a historia dos Achmenides.

Muitos adversarios teve todavia este estudo; não faltou quem considerasse os signaes cuneiformes como simples ornamentos destituídos de qualquer valor ideologico.

Em 1672 o antiquario *De Caylus*, descrevendo o vaso de Xerxes em que o nome d'este rei se lia escripto em trez linguas cuneiformes, referia-se a alguns sabios, que consideravam o caracter cuneiforme «menos uma escriptura do que uma especie de ornamentação muito usada nos antigos tempos da Persia.»

Ao lado d'estes havia outros, que, perfeitamente convencidos do caracter ideologico d'esses mysteriosos traços, tentaram interpretal-os. Emquanto *Engelbert Kaempfer* (1651 — 1716) n'uma viagem que fez, quando membro d'uma embaixada mandada por Carlos XI á Persia, reproduzia innumeras inscripções que encontrou, o *Cornelio Van Bruyn*, holandez, publicava a «*Viagem ás Indias e á Persia*» seguindo as pisadas de Kaempfer, appareceram muitos outros orientalistas que directamente estudaram a questão; foram elles: *Carsten Niebuhr*, *Münter*, *Grstedend*, *Sylvestre de Sacy*.

Carsten Niebuhr (1733 — 1815), viajante allemão, recebeu do governo dinamarquez a missão de fazer parte em 1761 d'uma expedição scientifica. Em 1765 copiou com muito cuidado a inscripção de Persepolis, trabalho em que dispendeu mais de um mez e em cuja execução inutilisou a vista, pois que, em virtude da elevação do rochedo em que estava a inscripção, só a podia lêr quando o sol a dardejava perpendicularmente o que tornava muito difficil tão ardua empreza (1)

(1) Sujeitando-se a egual trabalho só nos falla a assyrologia de *Tascher*, viajante inglez, que descia por um systema de cordas, a fim de poder

Foi elle quem reconheceu que essa inscripção estava gravada em tres linguas differentes. Chegou a esta conjectura fundamentado em que os antigos reis deveriam editar as suas ordens em tres linguas, como ainda fazem actualmente os reis da Assyria publicando os seus decretos em turco, arabe e persa. Demonstrou que a primeira escriptura deveria ser alphabetica.

Münter, em 1809, previu que a primeira escripta da eunifor-me de Persepolis era alphabetica, a segunda era syllabica, isto é, exprimia syllabas e não sons distinctos das vogaes e consoantes, a terceira ideographica «exprimindo, como o arabe actual, directamente as ideas e só indirectamente os sons, á similhaça do chinez.»

Se elle errou com relação á terceira, isso prova que a sciencia nunca se constituiu de um só jacto, mas no fim de muito trabalho e de muito tempo. Effectivamente a terceira é algumas vezes ideographica e quasi sempre syllabica.

Grotfend chegou a ler os nomes de Dario e Xerxes, como consta de uma memoria que elle leu na sociedade sci-entifica de *Goettingue* a 4 de setembro de 1802.

Não expomos os processos complicadissimos de que elle se serviu para alcançar este fim; simplesmente diremos que *Champoleão* se utilisou muito de uma traducção de *Silvestre de Saey*.

Estava assim interpretada a primeira escriptura persa nas suas linhas mais geraes, interpretação que se achava confirmada pelos trabalhos dos orientistas *Eugenio Bournouf* e *Lassen*, que viram coroados os seus esforços com o apparecimento da inscripção de *Béhistum*, descoberta por *Rawlisson*.

Depois de interpretados 111 signaes da segunda columna começou a admittir-se como certo o caracter syllabico d'essa lingua. Com estes principios e baseados na considera-

copiar mais facilmente a inscripção que estava gravada na crypta d'um descommunal rochedo, e de *Westergaard* (1815—1878), que se servia do telescópio, todos os dias de manhã, afim de poder exercer egual mister. *Vigourour*. obr. cit.

ção fundamental de que os reis antigos da Assyria, quando publicavam decretos, os redigiam nas tres principaes linguas do seu imperio, determinou-se que os nomes proprios occupariam aproximadamente o mesmo logar nas trez columnas.

Esta simples conjectura foi confirmada por *Westergaard* em 1884, por *Hinek* e por *Sauley*, que descobriram um character cuneiforme- ▼—(demonstrativo) precedendo todos os nomes proprios. Assim se reconheceram os rudimentos exegeticos da segunda lingua aglutinante na familia e syllabica na escriptura que era scythica (*Rauhlsson*), ou medica (*Oppert*), ou elamita (*Sayce*), ou dialecto do Ansam (P.^e *Dellatre*), fallada na Susiana.

Mais importante sob todos os aspectos se apresentou a terceira lingua em que estava escripta a ultima columna. Examinando-a com o auxilio das duas primeiras, *M. Oppert* chegou a suspeitar que ella pertencesse á escripta syllabica. Outrosim descobriu que todos os nomes proprios eram precedidos de signaes determinados, identicos aos da escriptura Susiana. Como porem o numero d'estes signaes era extraordinario tornou-se muito difficil, para não dizer impossivel, distinguir os nomes, attendendo aos signaes determinativos. N'este momento, quando o deciframento da terceira columna estava prestes a realizar-se, começou a fallar-se n'uma cidade antiquissima, que teria existido entre a bacia do Tigre e do Eufrates. O inglez *Rich*, agente da companhia das aguas, no anno de 1811 encontrou em *Hillah, Kojundjike e Mossul*, fragmentos de tijolo, em que appareciam caracteres cuneiformes, fragmentos que foram enviados para o *British Museum*. *Jule Mohl*, secretario da sociedade asiatica de Pariz, visitou o muscu de Inglaterra e quando examinava as premissas apresentadas por *Rich* convenceu-se de que muito haveria a descobrir no local da sua proveniencia.

Em 1842 o governo francez nomeou consul em Mossul, *Botta*, que instruido por *Mohl*, descobriu mais tarde as ruinas de *Ninive*.

Em 1849 *Botta* publicou o texto das in-cripções, que tinha encontrado em *Khorsabad* e em cuja interpretação muito

se tinham empenhado, mas debalde, Sauley, Longpérier, etc.

Poucos progressos se tinham realizado na interpretação das inscripções a que ha pouco nos referimos, quando o coronel Henry Rawlison enviou em 1851 ao *Jornal da Real Sociedade Asiatica de Londres* o texto babilonico da inscripção de Béhistum, encontrada em Béhistoum ou Bisoutou, antigamente Bagaretava, n'uma rocha alcantilada e escarpada. (1)

Com tanto entusiasmo se procedeu ao estudo da Assyrologia, que, no começo de abril de 1882, o *British Museum*, repleto de documentos orientaes encontrados por Hormuzd Rassan em Abou-Haba, apresentava aos orientalistas da Europa vastissimo campo onde se podia exercer a sua incançavel actividade.

Tambem em 1881 a França, em virtude do zelo incedível de Sarzec, residente em Bassorah, adquiriu innumeras inscripções.

Como conclusão do que dissemos relativamente ao estado em que se encontra a Assyologia, temos todo o direito de affirmar que muito se tem caminhado nos tempos primordiaes da civilisação, ineriveis descobertas se têm realizado, porem ellas não teem o character de certeza absoluta que alguem lhes attribue.

(1) A inscripção de Béhistum tem 115 nomes próprios e nove nomes de mezes. De todos elles só 90 se podem ler no texto semita.

É O PAE!

(Impressões de um quadro)

- Vae declinando a tarde docemente.
Sorri tranquillo o povo á beira-mar.
E sobre as aguas, pallido e dormente,
o sol já começou a agonisar.
- E o grupo de creanças, sobre a praia,
dirige ao largo impacientes olhos.
A onda arruga, no areal desmaia,
e alem, distante, franja n'uns escolhos.
- Dando a mão ao mais velho, contra o peito
sustem Rosaria o loiro irmão novito.
Aos dois falando com materno geito,
a olhar percorre o paramo infinito.
- E... nada... nada ao longe!... E ha tanto já,
que esperam sós, na praia, as tres creanças!
Ao pescadôr o que o detem por lá? !...
Parceis. Jesus!—no pego sem bonanças?!...
- Mas na linha distante d'esses mares,
ponto indeciso, uma aza, espuma ou onda
palpita e luz... Com avidos olhâres
Rosaria a liquida planura sonda.
- Avulta, cresce, torna-se distincto,
o que era, ha pouco, imperceptivel, vago!...
E o horizonte alaranja-se retinto!
E o mar tão liso e plano, como um lago!...
- Eil-a a barca, que singra d'essa banda,
gaivota á flôr das aguas discorrendo!
Movem-se os remos, boja a vela pauda!
Na proa aguda, a escuma vem fervendo!...
- E ufana a moça, electrica, convulsa:
—«E' o pae... oh Antonio?... hi 'hi zem o pae!...»
Força estranha a choreas, como a impulsa;
vae dizer, mas no olhar, a voz se esvae!...
- Mãos nos bolsos, dos pés mesmo na ponta.
loquaz Antonio inquire, olhando anciôso!
E enquanto a irmã, o braço estende e aponta,
ri o loirito e adeja tumultuôso!...
- E o esquife, contra a praia vem cortando.
Na proa, alguém de pé, um gôrro agita!
E os dois á mãe, que vem no areal entrando:
—«E' o pae... é o pae!...»—clamam em grita!...

MATTOS FERREIRA,

prior em Cintra.

ANTHERO DE QUENTAL

Anthero de Quental era um talento. Os seus sonetos immortalisaram-lhe o nome. Ha n'elles a intuição profunda do filosofo e a correção primorosa do artista genial. Longe de mim porem a idéa de me inclinar reverente deante de toda a obra de Anthero. Em critica historica sobretudo não tem a largueza de vistas que dá a imparcialidade absoluta. Era systematicamente hostile á Egreja e como não tinha senão um conhecimento superficial das sciencias positivas, não lograva disfarçar os seus erros e o seu odio. Uma das mais evidentes manifestações do que afirmo é sem duvida o artigo —*as tres epochas religiosas*—a que o nosso distinto collaborador, o Ex.^{mo} Sr. José d'Azevedo e Menezes dá um justissimo correctivo no artigo que em seguida publicamos.

A. H.

ALTO LA' COM O ARTIGO!

(Observações ao artigo de Anthero de Quental intitulado
—*As tres épocas religiosas*)

A *Nova Alvorada* transcreu um artigo, publicado, ha annos, no *Jornal do Commercio* por Anthero de Quental, o qual produziu má impressão em muitos leitores.

Quer-me parecer que não houve da parte da illustrada redacção da revista villanovense o proposito de affrontar os catholicos nas suas crenças; mas não atino com os motivos poderosos que determinaram agora a reproducção d'aquelle trabalho desastrado do illustre poeta extinto.

A *Nova Alvorada* commemorou solemnemente o tragico trespassse do auctor das *Odes Modernas* e dos *Sonetos*, consagrando-lhe o numero de novembro do anno passado, collaborado por trinta e dous escriptores, que espargiram de lagrimas sentidas as paginas da revista em homenagem ao saudoso morto.

Nenhum d'elles pôz a mais leve mancha na clara intel-

ligencia do poeta, ninguém deu uma nota deprimente do escriptor, que por vezes se abalançara a trabalhos, em que o seu grande talento não pôde remediar os erros da sua ignorancia em certos assumptos, principalmente manifestada nas *Conferencias do Casino*.

A que veio, pois, n'esta occasião o artigo reproduzido na *Nova Alvorada*?

Foi uma leviandade?

Talvez; mas é para sentir a reproducção do artigo, que fica sendo um publico testemunho da inepeia do *conferente*, que se pretendeu exaltar.

Mas diz alguém: o *Camillo assererara que este artigo de Anthero era das mais bellas cousas que nos ultimos annos se havia escripto em lingua portugueza*.

Podia ter dito isto quando á forma do artigo, sem perfillar a doutrina exposta. Tambem o nosso incomparavel artista da palavra escripta *pediu a Anthero que respeitasse os mestres*.

Tambem A. Herculano sahio em defeza das tristemente celebres *conferencias*, o que não obstou a que fallasse do joven orador n'este termos:

Quizera eu que o sur. Anthero de Quental conhecesse melhor a doutrina e a tradição verdadeiramente catholicas, porque havia de ser menos injusto com o catholicismo etc.

E n'outro lanço:

Depois creio pouco que o sur. Anthero, apesar da sua clara intelligencia, e da auctoridade moral que lhe dá a integridade do seu character, seja assaz poderoso para derribar o catholicismo, a religião de S. Paulo e de Santo Agostinho, de S. Bernardo e de S. Thomas, de Bossuet e de Paschal.

Mas a auctoridade d'este escriptor e d'outros neo-catholicos que a invoquem, se lhes faz conta, os adversarios da egreja romana, que não carece de semelhante apoio para evidenciar a sua origem divina.

Tenho presente a colleção do *Bem Publico* de 1868 a 75—, em que o grande Souza Monteiro, o *Veuillot* portu-

guez, rebateu triumphantemente n'uma série de luminosos artigos as affirmações de Anthero, enunciadas no *Casino*.

Como é trabalho muito extenso, vou resumil-o em poucas palavras, tocando separadamente em cada um dos tres pontos principaes, indicados no artigo que discuto.

1.^o—*O concilio de Trento immorou no peor sentido, no sentido do despotismo. Em primeiro lugar, introduziu um dogma novo, e o mais hostile á razão, á dignidade humana, e ao sentimento da justiça—o peccado original.*

Não ha dogma novo. Durante a lei natural, Job lastimava-se d'essa macula (XVI—4); e assim David durante a lei escripta (Salm. L—7).

Na lei da graça aponta esse peccado S. Paulo (Ephes.—11—3; Rom. V—12—seg.

Pelo peccado original se explica a contradicção no homem interior; e Pelagio e Selestio que o negaram nos principios do V seculo (407) foram combatidos por todo o mundo, sendo afinal estes dous heresiarchas condemnados nos Concilios de Carthago (412 e 416).

2.^o *O dogma da presença real considerado na sua importancia e nas suas consequencias, se pode dizer não ter existido realmente se não depois do Concilio de Trento.*

O dogma da *presença real* sempre existiu com o mesmo alcance que hoje tem, desde a noite do Cenaculo, em que Jesus Christo o instituiu dizendo:

Eu sou o pão vivo, que descí do ceu. Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente; e o pão que eu darei é a minha carne, para ser a vida do mundo. O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, esse fica em mim e eu n'elle. S. João (VI—51—57).

Estando elles ceando, tomou Jesus o pão e o benzeu e e o partiu, e deu-o a seus discipulos e disse: tomae e comei: este é o meu corpo. E tomando o calix deu graças, e deu-lh'o dizendo: bebei d'elle todos. (S. Math. XXVI—26—28.)

3.^o—*O mesmo se deve dizer da confissão auricular. Foi só na sessão 14.^a da assembleia tridentina que se estabeleceu*

essa obrigação, expando-se larga e terminantemente em quinze canones toda a materia, e no sentido mais hostil á liberdade, á dignidade e á razão humana.

A confissão sacramental não é obra do Tridentino, pois se acha indicada no livro dos *actos dos Apostolos*, e na epistola do papa S. Clemente. Fallam d'este sacramento S. Ireneu, Origenes e a maior parte dos Santos Padres do 4.º seculo.

Tambem não é verdade, como diz Anthero no citado artigo, que nos primeiros tres seculos *podiam as mulheres confessar e dizer missa*. As mulheres não podiam levantar a voz na assembleia dos fieis, segundo o preceito de S. Paulo: *mulieres in ecclesia Dei taceant* (I—Cor. XVI—34).

Havia, sim, a instituição das *diaconisas*, cujas funcções eram muito restrictas.

Quizeram algumas incensar o altar, e preparar os vasos sagrados para a missa, allegando que as *vestaes* incensavam os altares dos idolos, e seguravam o *simpulum* nos sacrificios, e verdade é que algumas *diaconisas* elegaram a praticar aquellas ceremonias; mas sabendo do caso o papa Sotero (173 an. da era christã) prohibiu semelhante pratica em todas as provincias da christandade. (Ep. XII—Can. Sacratas XXXIII—dist.)

Ora se a egreja não tolerava que as mulheres fizessem o menos, é impossivel que auctorisasse o mais.

Evidentemente Anthero confundiu alhos com bugalhos; e confundiu tudo deploravelmente nas suas preleções do *Casino*, que não lhe deram honra nem proveito.

Bem fez o Avila em mandar fechar a porta d'esse *club* de jacobinos assanhados, que ameaçavam pela propaganda da sua doutrina perniciosa o bem estar da sociedade.

Assim imitasse o bom exemplo d'aquelle honrado estadista o actual presidente do conselho, mandando tambem trançar as portas d'essas sociedades secretas, onde se conspira contra todos e contra tudo.

Procedendo assim o poder executivo cumpria apenas

um dever, que lhe impõe a lei vigente d'este paiz, arruinado pelos governos liberaes.

A religião catholica deve ser mantida e respeitada em toda a sua plenitude, porque só n'ella existe a unica força salvadora de Portugal na agonia.

Casa do Vinhal, abril de 1892.

JOSÉ D'AZEVEDO E MENEZES.

PENSANDO...

(No recreio do Collegio)

No horisonte, ao longe, desenhavam-se, já esbatendo-se, as ultimas pinceladas do sol, esse grande e sublime artista que tão bellos arabescos sabe contornar.

A tarde era mórna, correndo apenas uma aragensinha que ao de leve agitava a ramagem das acacias.

Ancioso de dar uma intermittencia de descanço ao labor de todos os dias, fui sentar-me n'uma pedra do *recreio*.

Em volta de mim tudo era silencio e paz; só de longe em longe se ouvia o rufar de azas d'algum insecto, ou o cahir d'uma folha murcha e amarellecida.

Lá em baixo, porém, fervilhava a turba-multa dos *felizes*, chegando até mim nas ondulações do ether as suas risadas argentinas e, por vezes, afiadas como punhaes.

Mudo e quedo estive no decorrer d'algumas horas.

Pensei no homem e em Deus.

Rastejei pelas encruzilhadas do mundo, e depois, em vagarosa ascensão, fui-me alando, alando até chegar á orla do Infinito.

Vi vermes e heroes, muita lama e muita alvura.

Vi monstros a retouçarem nos tremedaes do vicio, e anjos a esvoaçarem em regiões de anil.

Vi corações, uns duros como marmore, crueis como ti-

gres; outros doces como o arminho, brandos como a aragem que me refrescava as faces.

Vi filhos cravando o punhal no seio que os acalentou, e paes estreitando em seus braços de amor o infeliz que a elles se ampara.

Vi suicidas que, desvairados e desesperançados, tragavam o veneno que lhes havia de queimar e remorder as entranhas em contrações de dôr terrível, vi tambem infelizes que, embora batidos de desgraça extrema, resistiam impavidos aos baldões da sorte, erguendo-se, no meio do marulhar dos infortunios como a estatua da dôr firmada no bronze da resignação.

Vi criminosos exalçarem-se das restingas do mal até ás culminancias do bem, subirem, subirem em alteroso vôo até ás regiões da virtude, e vi anjos despenharem-se em queda vertiginosa do seu pedestal de gloria, descerem, descerem até tocarem o cairel do abysmo, em que restruge o vicio, e resvalarem na voragem.

Vi muita luz e vi muita treva.

Ante esse quadro de tanta miseria e de tanta grandeza cravou-se-me no coração a garra da dôr.

Lamentei que o homem não conservasse sempre na frente, em todo o seu brilho, a corôa aurifulgente que a mão de Deus ali lhe gravou.

Lamentei que o homem rasgasse e enlameasse a nivea stringe da virtude para se enroupar com a negra tunica do vicio.

Queria que elle não recalcasse os seus sentimentos mais nobres, que não asphyxiasse as suas aspirações mais sublimes, que não bebesses a cicuta do erro, porque gangrena e mata.

Queria que elle vivesse em contínuo arroubo das coisas divinas, que adejasse ao de cima de todas as baixezas que, por ali campeiam, contaminadoras, assoladoras.

Queria que elle fizesse da terra um eden.

Mas será isso possível, ó Christo?

Poderá o homem deixar de bater d'encontro aos recifes

do mar da vida e naufragar por vezes? poderá intermitten-
temente respirar e viver n'um ambiente só feito de bondade
e doçura? poderá, sem receio de queda, erguer-se e pairar nas
excelsíssimas regiões da virtude?

Poderá? . . .

Pode, sim, ó Christo, se o antemurares com o escudo
da tua graça, se lhe deitares a mão ao tropeçar nos escolhos
que arripiam a estrada da vida, se não deixares que se lhe
esgote o sangue, que verte das feridas abertas pelas púas
da desgraça.

E Tu fazel-o, porque és bom e te apiedas das miserias
humanas.

Na frente do homem ha abysmos d'um negro tetrico,
mas Tu, ao elle tocar a borda, deteml-o e dizes-lhe, em ac-
cento mavioso: Viandante, que percorres as veredas da vida,
recúa, porque essa transvia da meta que deves almejar, recúa,
porque a dois passos de ti remoinha o sorvedouro onde têm
cahido e perecido, soffrendo muito, muitissimo, milhares de
infelizes, que como tu arrastavam os andrajos da miseria, re-
cúa, toma este fio conductor, e animo!

E o homem recúa, pega do fio conductor, anima-se e
vae dar, sem transvios, á meta que lá ao longe brilha com
um brilho intensíssimo.

O homem, ó Christo, abroquelado pelo teu amor, vigo-
risado pela tua graça pode entrar afoito na lucta com as pai-
xões, que não ha perigo de desfallecimento, nem receio de
que se lhe desengastem da frente os loiros da victoria.

E assim, se creio e sei que acobertas a humanidade com
as azas do teu amor, não desespero de que os vermes dimi-
nuam e os anjos augmentem.

Collegio de S. Damaso.

HENRIQUE GOMES.

INFLUENCIA DO CATHOLICISMO

NAS

PRODUÇÕES DA INTELLIGENCIA

I

Entre as muitas accusações, que a impiedade tem feito, em todos os seculos, ao catholicismo, é sem duvida a mais extravagante a de elle favorecer a ignorancia e obstar ao desenvolvimento da intelligencia.

E apezar dos protestos energicos e victoriosas demonstrações dos apologistas da religião catholica, não tem cessado os inimigos d'esta de insistir na accusação.

E' certo que alguns espiritos mais esclarecidos e justiceiros fazem justiça ás luzes, que ella tem derramado na terra, e aos incontestaveis progressos que, á sua sombra, tem feito a intelligencia humana: mas, como da calumnia e do erro ficam sempre vestigios, e como ha espiritos mesquinhos e mal intencionados, que estão sempre promptos a acreditar mentiras, segue-se que muitos continuam a bradar contra o obscurantismo da religião, embora não sejam capazes de sustentar a sua these, se alguem lhes exigir a prova do que dizem

Entreanto não ha accusação mais destituida de fundamento, nemdemais facil refutação para quem estudar desprocuradamente e com intenção recta, a marcha da religião atravez os seculos, e a sua benefica influencia sobre todas as produções da intelligencia.

Jesus Christo trazendo a verdade ao mundo, trouxe-lhe com ella o germen de todos os conhecimentos; mas, como o grão de mostarda que, apesar da sua pequenez, produz uma planta que se eleva para os ceus e em cujos ramos vem pousar as aves do ceu: assim a religião que, no decurso dos seculos, havia de levar a toda a parte sua benefica influencia, tambem ao principio não era mais que uma semente imper-

ceptível, d'onde humanamente fallando, nada fazia esperar fructos sazonados e duradouros.

Uma cruz, da qual pendia um corpo exanime, algumas mulheres chorando junto d'essa cruz, e os discipulos dispersos, escondendo-se e furtando-se ás vaias da populaça:— eis o espectáculo que, no principio, offerecia a sociedade christã.

Em breve Jesus Christo resuscitando, esclarece a intelligencia dos seus apostolos; e enviando-lhes o Espirito Sancto, fortifica-os para cumprirem a sua missão de converter o mundo, annunciando-lhes a doutrina por Elle prégada. Succumbem os apostolos; succedem-lhes outros na prégagaõ da divina palavra, e são tão brilhantes os jactos de luz, que vã^o lançando nas intelligencias, que o anjo das trevas se insurge contra os adeptos da nova doutrina, e move contra elles todos os poderes da terra.

Fervem as perseguições por toda a parte, e os christãos são obrigados a occultarem-se no seio da terra, para celebrarem seus mysterios.

Eis a segunda phase que offerece ao mundo a sociedade christã.

Mas desde o nascimento do christianismo, uma grande mudança se tinha operado na humanidade. Os apostolos, de simples e rusticos pescadores, tinham-se transformado em prégadores eloquentes, e convertido milhares de individuos entre os judeus e os gentios; e os Evangelistas haviam desenvolvido um talento superior, escrevendo os Evangelhos com tal elevação e superioridade, que jámais até ellas pôde altear-se a intelligencia humana, e diante dos quaes até os proprios incredulos se curvam respeitosos.

«Confesso-vos, diz o celebre J. J. Rousseau, que a magestade das Escripturas me espanta: a sanctidade do Evangelho falla a meu coração. Vêde os livros dos philosophos com toda a sua pompa—quanto são pequenos ao pé d'aquelle! Poderá um livro tão sublime e ao mesmo tempo tão simples, ser obra dos homens?... Que doçura e pureza em seus costumes! Que graça maviosa em suas instrucções! Que elevação em suas maximas! Que profunda sabedoria em seus dis-

curso! Que promptidão de juizo, que delicadeza, que precisão em suas respostas! Que imperio sobre suas paixões! Onde existe o homem, onde existe o sabio, que saiba obrar, soffrer e morrer sem fraqueza, nem ostentação?!... Se a vida e a morte de Socrates são d'um sabio; a vida e a morte de Jesus são d'um Deus... O Evangelho tem caracteres de verdade, tão grandes, tão maravilhosos e tão perfeitamente inimitaveis, que o inventor seria ainda mais extraordinario, que o Heroe.»

Os primeiros successores dos Apostolos eram tambem sem duvida homens illustrados, pois sem isso não poderiam continuar a obra prodigiosa dos primeiros prégadores do Evangelho.

A doutrina que prégavam, encerrava dogmas superiores á intelligencia humana; e os povos accitaram-nos; aos costumes barbaros e dissolutos que então imperavam, oppuzeram a moral mais austera; e os povos submetteram-se a ella: os supplicios e a morte horrorisam sem duvida a natureza humana; e os christãos soffrem aquelles e submettem-se a esta, com inquebrantavel constancia, confessando a sua crença, espantando os algozes com suas admiraveis respostas, não trepidando diante dos sinistros instrumentos do supplicio, e entregando-se alegres á morte!...

E' que a religião tinha-lhes illustrado a intelligencia, fortalecido a alma, e dado aos atheletas, pela força da convicção, a constancia prodigiosa, que mostravam nas grandes crises!...

Reitor de Mancellos,

José Victorino Pinto de Carralho.

(Continúa).

A CRENÇA

II

Aos tempos de fé e de piedade, succedem epochas de descrença e de irrelição e logo em seguida a morte moral da sociedade.

Assim como a fé foi capaz d'atirar com a Europa inteira sobre o paiz que, conquistado por mãos infieis, deixava profanar o sepulchro de Christo, assim a falta d'aquella virtude pôde levar um povo a commetter toda a sorte de desvairios e loucuras. Se a descrença enthronisada conseguiu já prostituir a propria Divindade e não teve horror em divinizar a propria prostituição! . . .

Como eram fortes as sociedades nos gloriosos tempos da fé! quantos monumentos e eloquentes exemplos nos attestam ainda hoje os altos feitos dos que passaram!

Guiados pelo facho luminoso da fé, os homens fortes das eras passadas cimentaram as bases de muitas nações, salvaram outras da sua ruina e como penhor de tantos favores do céo fizeram erguer ao Deus da paz e do amor esses grandiosos monumentos de piedade e de sciencia que hão de ser continuamente o assombro das gerações.

As lampadas ardiam dia e noite no altar do Senhor, e as multidões vinham recolhidas e pressurosas ouvir a palavra santa, banquetear-se no mystico banquete da fraternidade universal e dar-se o sublime osculo da paz. Mãos prodigas vinham depositar no thesouro do templo antigo o obulo da piedade.

Levantaram-se então os mosteiros, verdadeiros pharoes das civilisações e á volta d'elles arroteou-se a terra e nasceu a industria. O frade amanhou muita terra inculta, dulficou muita lagrima e matou muita fome!

Um dia, porém, veio em que a impiedade e o fanatismo de mãos dadas tudo intentaram subverter, demolindo aquillo que a piedade dos seculos tinha accumulado á volta do cenobio. O que então se viu n'este paiz, nega-se a penna a descrevel-o! . . .

A turba infrene e raivosa, lançou-se ás portas do templo a golpes de machado em meio de satanicas gargalhadas.

Pelas naves da egreja retumbava um gemido, como derradeiro adeus! . . . Despido o templo das riquezas alli depositadas, os impios sahiram de lá carregados de despojos. O estridor das pedras a desconjunctarem-se, as abobadas claustraes a desabarem e o crepitar do fogo subindo com espiraes pelas columnas e lambendo a face dos muros, e o derradeiro suspiro dos orgãos era a orchestra d'este festim legal! . . .

«Hypocritas da liberdade! pregoastes a anarchia e a licença, como os hypocritas da religião pregoam a intolerancia e o exterminio!»

*

O homem sem crença é uma anomalia, muito mais desgraçado do que o infimo dos viventes. O seu pensamento é arido, o seu coração esteril como os arraes do deserto. A sua vida é um fervilhar contínuo de duvidas e incertezas; não logra alcançar nem sequer um momento de pura felicidade, porque o descrente repelle o objecto primario d'esta felicidade relativa. Como deve ser triste e desolador o viver assim!

Onde, porém, a descrença manifesta toda a sua hedionda e horrenda expressão é á hora da morte, quando o homem vê sobre a sua frente a noite escura e a seus pés o cahos tenebroso. É então que se trava a lucta da vida com a morte, do ser contra o nada, lucta esta em que ser e vida hão de succumbir. Pensa elle de si para si que nada ficará que lhe seja pertença, nenhuma idéa, affeição nenhuma. Rolará á voragem do abysmo e sumir-se-ha como se nunca tivesse existido!

Que horrivel e que verdadeira imagem do descrente!

E no entanto a philosophia moderna esforça-se—maldito intento—por cavar fundo os alicerces da descrença. Poderá ella aliciar adeptos que pensem desassombreadamente e satisfará á intelligencia e ao coração do homem?

J. D'OLIVEIRA.

SUB TEGMINE . . .

O natureza vegetal, que esplendida,
 E que admiravel és!
 Que immensamente variada e multipla
 Das terras atravez!
 Se te contemplo, fico absorto, extatico,
 Ante belleza tal,
 No espaço apenas limitado, minimo,
 Do alcance visual!
 No fundo verde da tua ampla tunica
 Que graduado matiz,
 Da tenue hervinha ao *baobab* giganteo,
 De indomavel cerviz!
 E as flores que recamam tam magnificas
 O manto immenso teu,
 Formosas, refulgentes são e innumeradas
 Como os astros no céu!
 Sendo na forma e colorido symbolo
 De extrema perfeição,
 Nos perfumes diversos e dulcissimos
 Prazer do olfato são!
 Fructos que ostentas liberal, benefica,
 Com riso encantador,
 Thesouros de riqueza são, delicias
 De aroma e de sabor!
 Quizera eu possuir o pincel magico
 Que Milton empuhou,
 Quando o quadro sem-par do Éden biblico
 Portentoso traçou:
 Ó natureza, então sublime cantico
 Te havia de sagrar,
 Em que meu pasmo e amor enthusiastico
 Soubera patentear...
 Mas, bella natureza, és causa provida,
 Ou mero effeito só,
 Obra de mão que um dia pôde, altissima,
 Volver-te ao feio pó?
 Ao pó? . . . ao nada, ao temeroso vacuo
 De que te fez surgir.
 De incomparaveis pompas comprazendo-se
 Em te ornar e cobrir!

Bem sabes d'onde a vida opulentissima,
 E a grandeza te vem:
 E ás vãs lucubrações de vãos philosophos
 Votas frio desdem.
 Sabes quem o almo sol, o doce roseio,
 O vital ar te dá;
 E preto do Creator ao throno fulgido
 Grata elevas de cá.
 Ai! da inteira criação, por vezes, unico
 O homem da criação rei,
 Desconhece, impio, a mão do eterno Artifice,
 Rejeita a sua lei.
 Em tanto que do livro ingente, altiloquo,
 Da terra, mar e ceos,
 Diz e rediz cada brilhante pagina:
 Deus, Deus, Deus, Deus, Deus, Deus,

Lisboa Junho de 1892.

A. MOREIRA BELLO.

CARTAS D'UM IMPIO

I

... *Sr. redactor.*

Nas paginas d'uma publicação catholica como a «Crença & Letras», deve haver espaço largo para os que como eu não commungam no ideal religioso de que a Cruz é simbolo, expõem com franqueza e lealdade, os motivos que os afastam dos arraiaes em que v. milita com o enthusiasmo fervoroso dos que sinceramente crêem.

Nas pregas d'esse velho estandarte hasteado por Jesus na vertice da historia antiga, deve haver generosidade mais que bastante para cobrir carinhosamente o impio que almeja atinar com uma solução segura para os grandes problemas da vida. Espantado para longe da ara da fé pelas maculas que n'ella a minha alma viu, tentei subir a encosta ladeirenta do pensamento. Mas quem logrou até hoje attingir os visos altissimos d'essa montanha escabrosa e cair de joelhos ante a face angusta da verdade — Deus da nossa intelligencia?

Recorro pois á discussão — estadio livre e largo em que os adejos da razão se aprimoram e amplificam — e n'ella adduzirei, se v. me não engeita o intento, os motivos que não

me permittiram ao espirito torturado, descansar na penumbra doce e commoda do templo do seu Deus.

Quem sabe? talvez do embate da treva com a luz realte, nimbada de albi-aureos fulgores, a radiação transluminosa da verdade que me reconduza a mim—pobre rez tresmalhada—ao aprisco beatifico dos eleitos, e suspenda das aras do Christo, mais um troféu glorioso, mais um louro triumphal.

De v. etc.

Rodrigo Moreno.

Não engeitamos, antes jubilosamente acolhemos o simpatico empenho do impio que suspira pela verdade, e faremos todo o pouco que pudermos para conduzir a sua intelligença torturada, á penumbra doce e santa do templo em que a Cruz demora.

Sempre fomos pela tolerancia generosa que atrae e desarma, contra a intransigencia brutal que afugenta e esmaga.

Amamos a liberdade— anjo bom que ensêiva a vida da nossa alma —e acompanha-la-êmos até o limite extremo, em que ella colida com os direitos d'outrem.

E' essa a unica lide que lhe reconhecemos. Outros embargos não lhe pomos. E mais, a Egreja—escriinio sagrado da verdade e do bem —nunca se arreceou das investidas do erro. Tem visto sim, desfeitas a seus pés, em espuma vã, tormentas incontaveis sopradas pelo genio proteiforme da descrença, no vasto oceano revoltado das paixões humanas. Gallarda e firme como um castelo mediêvo, tem visto desfilar deante da sua inconcussa muralha musgosa, a turba-multa dos que a agridem ou insultam, e nunca estremeceu.

Por isso damos ao impio que nos apparece de liva branca, a liberdade de expôr as suas duvidas nas paginas d'esta revista, esperançados em que algum dos nossos distintos colaboradores lhe aceitará o repto.

Antonio Hermano.

NOTAS

Disse o *Pungolo*, de Napoles, que Sua Magestade Humberto se lamentava com o marquez de Rudini, seu primeiro ministro, do estado de Roma, dizendo-lhe—que não é bello nem digno que a capital do reino (*Roma*) continue a achar-se nas condiçõs de uma cidade no dia immediato a um bombardeamento. —Pois é realmente a condiçõ em que se acha Roma, e assim se achará ou antes peorará emquanto não fôr restituída, como é de justiça, ao Pontifice-Rei. O *Pungolo*, no que referiu, publicou o que, áquelle respeito, lhe foi communicado pelo seu correspondente de Roma. E' mui proprio do estado *da actual Sociedade Sem Deus*, o vêr os governos a prevenirem-se de um modo béllico não contra inimigos estrangeiros mas sim contra inimigos *de casa*: e ainda fazendo contra estes uma legislação criminal de todo o rigor—a pena de morte—. Sendo mesmo bem recebida, tal legislação, pelos que sustentavam como injusta a pena capital, porque em sua vida e propriedade se vêem mais ameaçados; é o egoismo sempre dominando os modernissimos.

*
* * *

Actualmente vêmos chegada a barbarie como se demonstra pelos *feitos dinamiticos*, que os governos julgam só remediar pela policia e pelas tropas, e ainda por alguns julgamentos nos tribunaes; a raiz de taes malfetorias tem de ser arrancada por outro modo, e este é—a *Moralisação-Christã-Catholica*. As explosões criminosas são resultantes de um grau elevado de desmoralisação, de uma decedida má vontade, de uma observação produzida pelas falsas doutrinas que estão reinando na Sociedade Moderna; embora seus funestos resultados materiaes, são ellas mais que tudo um mal moral, e este não pôde ser curado por meios materiaes; soldados, policia, tribunaes, podem servir para prevenir ou castigar, mas para dirigir as intelligencias e as consciencias só a moral que procede *Ab alto!* Oxalá! que assim fosse comprehendido por tantos que não querem comprehendel-o. Esses sus-

tos terríveis, essas duvidas novissimas da vida e da fazenda tudo isso é precursor de situação mais terrível; a tempestade corresponderá ao diabolico vento semeado. Na Sociedade Moderna todas as monstruosidades são possíveis.

* * *

Um *journal* de Varzovia (Polonia) acaba de dar uma noticia de grande importancia e consolação para os catholicos; o Imperador de todas as Russias, Rei de uma parte da Polonia, comprehendida Varzovia, presidiu a um conselho no qual se achavam tambem seu filho herdeiro, e seu irmão o grão-duque Wladimiro; e ali deeediu o czar restabelecer em certo numero de concelhos polacos o ensino religioso-catholico, dado na lingua nacional polaca. Esta decisão de justiça é digna de ser mencionada. O *Synodo Schismatico*, que os russos *schismaticos* denominam *Santo-Synodo*, e o ministro governativo especial, tinham-se vivamente opposto ao pensamento posto em pratica por a mencionada decisão Imperial, mas o Imperador não lhes deu ouvidos e promulgou-a, e fez-la logo conhecida de Monsenhor Kozlowski á sahida do conselho, pois que este prelado catholico se achava n'outra sala para cumprimentar Sua Magestade pela primeira vez depois de arcebispo catholico de Mokilew; foi uma grande justa delicadeza do Imperador por certo pensada. Os polacos têm um grande apêgo á Fé Catholica, á sua nacionalidade e sua lingua, e é por estes títulos que se pôde dizer que a nação polaca existe embora dividida territorialmente entre tres poderosas nações.

* * *

O *appel comme d'abus*, applicado em *republica opportunista* a Monsenhor o venerando bispo de Mende, não passa de um desaffogo das condemnadas *liberdades gallicas*, a que ainda se apegam certos francezes para attribularem a Egreja de Deus, sem que aliás lhe façam rombo; as taes liberdades, não dadas nem reconhecidas pelo Summo-Pontifice, nasceram do *Regalismo* e galvanisa-as o *Liberalismo* = *arruadas embo!*

· DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

GAZETILHA

O monte é alto e isolado, de modo que em todas as direcções se desdobra um panorama vastissimo: — veigas uberrimas ao sul e poente; ao norte montanhas pedregosas e pobres de vegetação; grandes pinheiraes escuros ao nascente.

Visitamos o pequeno templo. É elegante e de forma em tudo original. Querem os felgueirenses que Santa Quiteria tenha sido alli martirisada e n'essa pia direcção têm educado a devoção popular, que acode com fervor ao altar da *Sancta*. No entanto, — o que a historia é! — o proprio capellão da confraria sustenta que a prestigiosa sancta nunca pisou terras de Portugal e que só a França coube a gloria de a ter por filha!

Ao lado direito do templo está situado um collegio de meninas sob a direcção das Irmãs da Caridade e ao lado esquerdo fica outro de meninos sob a direcção da Congregação da Missão. São ambos pouco frequentados.

Descemos. Sob as frondes espessas d'uma grande matta de carvalhos esperava-nos um opipero *lunch*. Eram mais de dez horas, por isso os nossos estomagos accitaram reconhecidos.

* * *

Para Fafe — A estrada colla por entre montes e pinheiraes. Passamos juncto ao *Sumidoiro*, logar em que o rio Vizella se some por entre penedias, para ir reaparecer mais alem.

A pouca distancia da villa e quasi á margem da estrada encontra-se a fabrica do Bugio. Visitamol-a É um estabelecimento vastissimo e montado segundo os mais recentes progressos da industria. A sabida levantaram-se vivas calorosos á Direcção da fabrica e á industria nacional. Um grande numero d'operarios acompanhou-nos até aos trens.

De novo a caminho.

Antes d'entrarmos em Fafe visitamos tambem a magnifica fabrica do Ferro.

Arborado o estandarte da fabrica no andar nobre do edificio, fomos recebidos pela Ex.^{ma} Direcção com as mais delicadas provas de consideração. Percorremos as vastissimas repartições, notando em tudo a maxima ordem, a perfeição escrupulosa dos trabalhos e o modernismo dos processos empregados.

Uma fabrica que é um titulo de gloria para quem a dirige e para a terra que a possui.

Depois de trocados numerosos e entusiasticos vivas entre o Collegio e o pessoal da fabrica desfilamos por entre alas d'operarios.

Foi uma recepção deveras penhorante.

* * *

Em Fafe. — Eram quatro horas quando entramos na mais formosa villa que temos visto. Uma grande multidão aguardava a nossa entrada.

Estavamos cansados. O calor era suffocante. Fazendo porem mais um esforço, percorremos as ruas principaes, visitamos a egreja matriz e o jardim, notavel sobretudo pelo delicioso panorama que de lá se gosa. Escasceu-nos tempo para visitarmos o hospital que é talvez a mais bella joia d'aquella terra.

GAZETILHA

Conjecturamos que o futuro reserva a aquella villa um papel importante. Com uma população rica, activa, generosa e dedicada d'alma ao progresso da sua pequenina patria, e com uma posição tão feliz que bem pôde considerar-se a testa da arteria por onde deriva a parte maxima do importante commercio agrícola do norte, a villa ha-do forçosamente progredir. Oxalá!

* * *

O Jantar.—Por um requinte de generosidade, os Ex.^{mos} Srs. Albino d'Almeida Dias Leite e Antonio José de Bastos Azevedo, offereceram-nos um dispendiosissimo jantar que nos foi servido do salão do Centro Progressista, bellamente adornado de plantas.

Entre os convidados viam-se muitas das pessoas mais gradas da villa. Houve brindes numerosos a cuja serie deu inicio o Ex.^{mo} Sr. Saldanha de Castro, que brindou á mocidade estudiosa e á prosperidade do Collegio, respondendo em frase calorosa e eloquente o nosso distincto professor Sr. Henrique Gomes. Brindaram em seguida muitos illustres cavalheiros de Fafe e todos os illustrados professores, alguns alumnos e por ultimo o nosso D. Director P.^e Domingos Dias de Faria, que frizou a sua gratidão pelo acolhimento ultra-generoso que o Collegio teve em Fafe e fez votos pela prosperidade d'aquella terra tão singularmente cavalheirosa.

Os alumnos que brindaram foram:—A. H. da Costa Maia, B. Lima, C. R. Borges, Avelino A. V. Pinto, A. G. Mesquita Carne, Alberto Leite. A estes meus sympathicos e briosos compunheiros, um cordealissimo abraço.

Terminado o jantar, durante o qual reinou a mais franca e jovial alegria, partimos para Guimarães.

Foi um dia genuinamente festivo. As suas impressões ficarão penuráveis na nossa memoria, e penso que para muitos de nós será mais tarde uma saudosa e querida recordação da infancia.

Hospedes.—Estiveram no Collegio alguns dias o Ex.^{mo} Sr. P.^e Antonio Antunes d'Azevedo, reitor de Moreira da Maia, P.^e Bento da Silva Bravo, abbade de Codeços e P.^e Antonio Joaquim d'Oliveira.

Exercicios espirituaes do Clero—Ouvi dizer que o Ex.^{mo} Sr. P.^e Bento Rodrigues tenciona dar exercicios ao clero n'este collegio durante as ferias grandes. Boa idéa.

Primeira Communhão.—No dia 29 de maio fizeram a primeira communhão muitos alumnos do Collegio de S. Damaso, para o que foram preparados pelo Rev.^o Antonio Joaquim d'Oliveira. Foi uma cerimonia tocante e revestida de muita solemnidade.

O Collegial Ahndec.

